História e memória no fazer historiográfico: o caso dos judeus na Amazônia

Elias SALGADO¹

KEY WORDS: Jews, Moroccan-Jewish immigration, Amazon, History, Memory.

Introdução

A opção por estudar e pesquisar os judeus na Amazônia, em meu caso, que sou membro originário da comunidade judaica de Manaus e neto de judeus sefardimarroquinos, já foi classificada como “autorreferente”, por uma amiga pesquisadora dos judeus no Brasil. À época, tal afirmação quase me levou a desistir do meu grande sonho. Mas tratei de respirar fundo e seguir adiante... e, hoje, posso colher os frutos da minha pequena contribuição ao estudo de tema para mim tão instigante, de duplo interesse: acadêmico e pessoal.

Oficialmente, tudo começou lá pelos idos de 1996, quando fui aprovado e agraciado com uma bolsa de estudos para cursar pós-graduação no *Melton Centre* da Universidade Hebraica de Jerusalém. Foi naquele então (1997-98) que minha asma mais se ressentiu, principalmente por conta das diversas horas quando, extasiado, eu remexia os arquivos da Biblioteca Nacional de Israel, localizada em Jerusalém, buscando informações e documentação sobre os judeus na Amazônia.

Armado de uma bombinha para asma, encarei o desafio. Passados todos estes anos, pude avançar em meus estudos, pesquisas e publicações, porém, mais que tudo, testemunhar e poder contribuir, com outros pesquisadores interessados, para o avanço dos estudos judaico-amazônicos no Brasil.

¹ Graduado em Economia com pós-graduação em História, pela *Hebrew University of Jerusalem*; Pesquisador Associado do NIEJ (Núcleo Interdisciplinar de Estudos Judaicos), da UFRJ; Pesquisador dos judeus na Amazônia; Escritor, editor e diretor do Portal [Amazônia Judaica](#) e do AHDAJ – Arquivo Histórico Digital Amazônia Judaica.

O presente artigo é uma justificativa para tentar trazer algumas aberturas de conteúdo e até de abordagem nas pesquisas e estudos sobre a presença judaica na Amazônia brasileira. Sua constituição cronológica abrange o período que vai do início da imigração judaica eminentemente oriunda do Marrocos para a Amazônia (em torno de 1810), até nossos dias, ou seja, exatamente 210 anos de presença ininterrupta de judeus-marroquinos, suas instituições e histórias na região.

Os recortes temáticos selecionados a ser abordados aqui são:

1. Inventariar a produção de pesquisa e publicação do tema “judeus na Amazônia”;
2. Trazer alguns registros históricos sobre a imigração do grupo em questão;
3. Curtos apontamentos de reflexão acerca do debate entre História e memória: Judeus na economia como um estudo de caso
4. Alguns apontamentos da síntese antropológica e histórica do elemento judeu na Amazônia

1. Breve inventário dos estudos e autores sobre judeus na Amazônia até o momento²

Os primeiros estudos e pesquisas sobre a presença judaica na Amazônia surgem, no Brasil, ao final dos anos 70, quando o casal Egon e Frida Wolff apresenta seus primeiros trabalhos resultantes de pesquisas baseadas em investigações feitas em cemitérios israelitas da região (1979). Em 1987, Abraham Ramiro Bentes publica sua obra *Das ruínas de Jerusalém à verdejante Amazônia*.

Nos anos 90, há um sensível crescimento dos estudos e publicações sobre o tema: Maria Liberman defende o primeiro doutorado sobre o tópico pela USP (1990). Em 1997, Eva Blay publica ensaio sociológico sobre os judeus da região: *Judeus na Amazônia*. Em 1998, Samuel Benchimol publica obra que se tornou referência: *Eretz Amazônia, judeus na Amazônia*; e, no mesmo ano, Amélia Bemerguy defende, pela PUC-

² “O debate recorrente sobre o papel da História e da memória no fazer historiográfico: O caso dos judeus na industrialização do Amazonas”. Este inventário é parte do trabalho apresentado no VII Simpósio Nacional de Estudos Judaicos, FFLCH - USP, 20 a 21/10/2015.

SP, o seu Mestrado sobre o tema “Imagens da Ilusão: judeus marroquinos em busca de uma terra sem males”.

Nos anos 2000, se dá um crescimento ainda maior da pesquisa e produção literária acadêmica sobre o assunto. Nesse ano apresentamos, no Congresso V BRASA, no Recife, nosso primeiro trabalho: “Presença judaica na Amazônia: preservação e aculturação – o caso dos Elmaleh- Salgado”, publicado pela *Revista Amazônia Judaica* em setembro de 2002. Nesta mesma época, Jeffrey Lesser (2001) inova os estudos do tópico, realizando, de forma diferente dos demais pesquisadores (que até então haviam estudado o tema apenas a partir do Brasil), pesquisas em arquivos do Itamaraty sobre o Marrocos e descobre que, em realidade, não 1000 e sim cerca de 2000 famílias migraram para a Amazônia. Parte delas, porém, retorna a seu país de origem, após adquirir cidadania brasileira. Tal linha de pesquisa foi ampliada e aprofundada por Lucas Fernandes, que defendeu dissertação de Mestrado pelo NIEJ/UFRJ, em 2019. Em 2005, três importantes livros são editados: *David José Pérez e Judeus no Brasil* de Nachman Falbel e *Os judeus no Brasil*, organizado por Keila Grinberg.

Em 2010, ano do bicentenário da presença judaica na região amazônica, novos trabalhos importantes são realizados: Wagner Lins defende doutorado pela USP, Dina de Paula Santos escreve monografia de graduação pela UFAM sobre os judeus na economia da região e Reginaldo Jonas Heller vê publicado pelos selos E-Papers/Amazônia Judaica, a sua monografia de graduação em História pela UFF, *Judeus do Eldorado*.

No ano de 2015, lançamos nosso livro *História e memória, judeus e industrialização no Amazonas*. E em 2016, a dissertação de Mestrado de Dina de Paula Santos Nogueira pela UFAM, “Identidade e tradição: um estudo sobre as mulheres da comunidade judaica de Manaus”, ambos pelo selo Amazônia Judaica.

Ao completar 15 anos de fundação, em 2017, o selo Amazônia Judaica publica a coletânea *Amazônia Judaica, 15 anos de travessia*, a primeira em seu gênero em todo o mundo, trazendo uma seleção de artigos, ensaios e crônicas publicados na revista *Amazônia Judaica*, sobre a vida dos judeus de origem marroquina na Amazônia e temas correlatos, que foi lançada no Brasil, em Israel, na Espanha e em Portugal.

No ano de 2018, no campus de Bragança da UFPA (Universidade Federal do Pará), por iniciativa das professoras Alessandra Conde e Silvia Benchimol, nasce o primeiro projeto específico de estudos da literatura sefardi amazônica – *Ecos Sefarditas: judeus na Amazônia*. Inédito no Brasil até então, seu lançamento foi recebido com muito sucesso e nas suas pegadas surge este segundo projeto (2020), com a publicação da

presente coletânea. Esta inaugura uma nova etapa nos estudos de diálogos literários de autores sefarditas amazônicos (em cujo empreendimento sinto imensa honra em ser parceiro e colaborador).

Atualmente, é quase impossível acompanhar a produção de estudos sobre o tema, já que o interesse disseminou-se pelo Brasil afora e também no exterior. Praticamente todo mês temos pesquisas apresentadas em artigos, monografias, dissertações e teses de Mestrado e Doutorado.

2. Alguns registros da imigração judaica para a Amazônia

Não é raro se ouvir dizer que o povo judeu é um dos mais surpreendentes e singulares povos da História. As razões para tal afirmação são diversas: a sua longevidade, as características ímpares de sua configuração cultural, religiosa, nacional e geográfica; as adversidades que lhes foram impostas.

A saga dos judeus da Amazônia é um destes capítulos inusitados e sobre ela apresentaremos um relato parcial, apontando para aqueles que, ao nosso entender, foram os momentos históricos mais relevantes desta trajetória bicentenária.

A presença judaica na Amazônia tem início em torno de 1810, como podem comprovar a fundação das duas primeiras sinagogas do Brasil Império: Shaar Hashamaim (1824) e Essel Avraham (1829), na cidade de Belém do Pará³, bem como as sepulturas encontradas no primeiro cemitério judaico daquela cidade, o da Avenida Soledade, fundado em 1848. A sepultura mais antiga, datada de 27 de Sivan (maio/junho) de 1848 é de Mordechai Hacoheh.

O primeiro pedido de naturalização e de licença para comerciar, de que se tem conhecimento, é do judeu marroquino José Benjó e foi solicitado no ano de 1823. A citação é do Prof. Samuel Benchimol, em seu livro *Eretz Amazônia – Os judeus na Amazônia* (1998). Ele atribui a informação a Bentes (1987).

³ Não há registros escritos da fundação destas sinagogas. As informações são de cronistas do Pará da época e da tradição oral de membros da comunidade.

Outra citação bem antiga encontra-se no jornal *Kol Israel (Voz de Israel)* editado pelo Major Eliezer Levy⁴, em seu número de 8 de dezembro de 1919. Informa que a primeira licença para comerciar, dada pelo Governo Imperial do Grão-Pará e assinada pelo Marechal Francisco D' Andrea em 4 de julho de 1838, foi à firma de um comerciante judeu marroquino, Simão Benjó, para abertura de uma loja no Largo do Pelourinho. Logo a seguir novas licenças concediam os mesmos direitos às firmas de judeus marroquinos: Bendalak & Cia; Ana Fortunato; Salomão Levy & Irmão; Fortunato Cardoso e Duarte Aflalo, entre outros.

As razões que motivaram a saída daqueles judeus em direção à Amazônia brasileira se evidenciam por dificuldades de sobrevivência nos "mellahs" (bairros judeus), traduzidas por pobreza, superpopulação e epidemias de cólera e peste bubônica, como as de 1790 e 1818.

Nessa época, vivia-se o pleno apogeu do ciclo da borracha e os judeus marroquinos que desde 1810 estavam emigrando para a Amazônia, receberem novo incentivo e alento para continuar imigrando, pois o novo estatuto político permitia que as sinagogas saíssem da semiclandestinidade para se organizarem como templos de estudo, oração e reunião da comunidade judaica.

Não só as sinagogas passaram à legalidade total, mas também os imigrantes que já estavam no país, pois muitos deles se encontravam na 'ilegalidade', por não terem os devidos documentos em dia. Para eles, a nova Constituição previa uma anistia e os convocava a se naturalizar.

É aí que tudo começa. É em torno do ano de 1810 que vamos encontrar os pioneiros desta *grande epopeia histórica*, a Imigração Judaica para a Amazônia que, em 2020, completa 210 anos desde seu início.

Provinham os judeus, em sua maioria, do Marrocos Espanhol (Tetuan e Ceuta) e falavam espanhol e haquitia (dialeto que mescla o hebraico, espanhol e árabe). Também saíram do Marrocos Francês (Casablanca), do Marrocos Árabe (Fez, Rabat e outras vilas do interior) habitado pelos "toshabim" ou os nativos marroquinos judeus, menosprezados pelos "megorashim", estes os expulsos da Espanha ou de Portugal ou seus descendentes

⁴ O Major Eliezer Levy foi uma proeminente liderança judaico-sionista paraense. Foi prefeito de Macapá por 3 mandatos. Editou, em Belém, o jornal *A Voz de Israel*, de 1918 a 1923. Periódico de linha sionista, foi o segundo do seu gênero em língua portuguesa no país. O primeiro foi o *A Columna* de David José Pérez. (Ver artigo de seu neto, Dr. Sérgio Simon, "Kol Israel - A voz sionista na Amazônia", em Revista *Morashá* - Edição 103 - Abril de 2019.)

que vieram a se estabelecer no país. (Como judeus europeus, se achavam superiores aos nascidos e criados no Marrocos.)

E assim, com a movimentação transatlântica que tem início com a abertura dos portos e o novo comércio (1808), começam a chegar ao Brasil e à Amazônia, pelo porto de Belém, os primeiros judeus, principalmente de origem marroquina. Logo se envolveram com a navegação fluvial local, o comércio e toda a burocracia consular que se estabelece como consequência desta nova atividade.

3. Os judeus antes, durante e depois do Ciclo da Borracha

A grande maioria da primeira geração de imigrantes (1810-1850), aceitou o desafio de se estabelecer no interior, em sua maioria “aviados” por algum judeu rico de Manaus e Belém. Muitos desses pioneiros começaram como empregados, balconistas, gerentes de depósito, donos de flutuantes, guarda-livros e terminaram sua carreira como seringalistas e coronéis- de-barranco.

É interessante observar como aqueles judeus, conhecidos como “regatões”, por se embrenharem pela floresta pelos rios, praticavam uma atividade que pode ser perfeitamente comparada à de “clienteltichque” (ambulante, prestamista), praticada pelos judeus ashkenazitas oriundos da Europa Central e Oriental, com a diferença de que estes comerciavam pelas ruas e os sefarditas, pelos rios, isto sem manterem contatos entre eles⁵.

A partir de 1911, tem início o período de colapso e estagnação econômica, com a “crise da borracha”. Tem lugar, então, uma enorme onda migratória do interior rumo às capitais Belém, Manaus e até Rio e São Paulo. Como consequência desta crise, ocorre

⁵ SALGADO, Elias. “Presença Judaica na Amazônia- Preservação e Aculturação”. *Revista Amazônia Judaica*, nº 6 – set. 2000.

também um grande número de falências entre as empresas ligadas à produção e à exportação da borracha.

Com a decadência da economia da borracha, muitas firmas estrangeiras abandonaram a Amazônia, mas ao contrário destes, muitos judeus marroquinos permaneceram na região lutando e incentivando a produção, a colheita e a comercialização dos produtos naturais no país e no exterior. Então, com o declínio da economia gomífera e esta crise se estabelecendo, os judeus marroquinos que viviam no interior, iniciaram o êxodo para as capitais Manaus e Belém. Abandonaram seus seringais, castanhais, regatões, flutuantes, casas de comércio, sítios e fazendas, pois estes negócios de nada valiam na atual configuração econômica da crise.

Após o declínio da borracha, outros produtos passaram a constituir a base da economia regional. Entre 1920 e 1940, incentivaram-se principalmente a extração da castanha e a criação de gado bovino. Entre a 3ª e 4ª geração, como descrita por Benchimol (1998), houve um período de prosperidade para a comunidade judaica. De 1925 a 1940, inúmeras empresas de exportação e importação de produtos regionais negociavam em Manaus.

4. História e memória na abordagem dos temas por nós estudados

Desde o primeiro momento dos nossos estudos estabelecemos, como critério de abordagem, análise e apresentação dos temas selecionados, uma confrontação entre História e memória.⁶

Se aceitarmos que História é uma construção, que ela é como nós contamos a nossa identidade e que a memória seria a maneira de manter vivo um evento e que é fixado de acordo com o emocional, estimulando, segundo alguns, amores e ódio, é possível então entender a memória como um dos combustíveis da História.

Neste sentido, é que entendemos a importância dos depoimentos por nós colhidos e também o seu conteúdo, como *documento histórico* e não apenas como

⁶ POLLAC, Michael. Memória e Identidade social. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, Vol 5, no.10 1992, p. 200-2012. Ver também, Yerushalmi, Yosef H.: *Zakhor: História judaica e memória judaica*. Rio de Janeiro. Editora Imago, 1992.

monumento da memória, principalmente por serem os entrevistados, não só a memória viva, como também atores desta história em construção.

5. História e memória, judeus na economia do Amazonas: um estudo de caso⁷

Em 2011, realizamos pesquisa de campo com coleta de depoimentos em vídeo, de empresários amazonenses de origem judaico-marroquina. Ao analisar tal material, observamos que os depoimentos da memória pessoal e coletiva dos entrevistados encontram eco na historiografia sobre o tema (Benchimol, Santos Nogueira e Salgado, entre outros), principalmente no que tange ao estudo dos judeus na economia do Amazonas, tema por nós estudado anteriormente.

Observamos que, em vários momentos, a fala dos depoentes se confunde com a obra de referência de S. Benchimol o que, a nosso ver, é motivo de análise, visando tentar entender o que “nasce primeiro” e o que dá origem a quê: a memória à história ou o inverso? Ou mesmo, que não dialoguem e sejam conflituosas entre si.⁸

Se for a História, cabe assinalar, como o fizemos no livro em questão, que há que ter um cuidado com o fato de que a historiografia sobre o tema *judeus na economia do Amazonas*, até o momento da coleta de depoimentos por nossa equipe, resumia-se às pesquisas de Benchimol.

⁷ Projeto de pesquisa em História Oral com filmagem de depoimentos com empresários amazonenses, descendentes de imigrantes judeus marroquinos, estudo bibliográfico e pesquisa de arquivos, realizado entre 2012 e 2014, pela equipe de pesquisa do AHDAJ (Arquivo Histórico Digital Amazônia Judaica), formada por Elias Salgado (coordenador), David Salgado e Dina Paula Santos Nogueira, que resultou na publicação, em 2015, do livro *História e memória: Judeus na industrialização do Amazonas*, pelo selo Amazônia Judaica.

⁸ O professor e pesquisador Samuel Benchimol é o único estudioso da questão do elemento judaico na gênese da industrialização do Amazonas. Deve-se a ele a produção de uma obra de historiografia econômica sobre a temática. Isso cria um problema, no sentido de não existir nenhuma outra referência, já que contraposições são sempre enriquecedoras. Um exemplo do reflexo dessa fonte única é constatar que a fala Benzecry, a fala Benchimol e a fala Sabbá estão permeadas da voz do historiador Samuel Benchimol. Existe uma diferença entre História vivida e História lida e o que parece é que Samuel Benchimol foi lá na fonte de pesquisa, mas também viveu esse período. Isso confere à sua obra um caráter especial, na interseção entre História como ciência e História como vivência. (SALGADO, Elias e David: *História e memória, judeus e industrialização no Amazonas*, Editora AJ, 2015).

6. O convívio com o “outro” e a síntese antropológica do elemento judaico na Amazônia

Via de regra, a historiografia, bem como os relatos de memória feitos à nossa pesquisa, apontam para uma espécie de unanimidade quanto ao bom convívio, no que tange ao relacionamento com as demais etnias na região. Porém, é importante ressaltar que tal histórico positivo também teve seus momentos de tensão em três momentos da História da presença judaica na Amazônia.

Um deles foi no século XVIII, quando da visitação do Santo Ofício ao Grão Pará. (1763-1769)⁹. Outro, no período da Cabanagem (1835-1840) e nos episódios antijudaicos de 1901¹⁰, que tiveram início em Cametá e Baião e se espalharam por várias cidades do interior. O terceiro período que destacamos é o da 2a. Guerra Mundial, quando surgiram dicotomias ideológicas e políticas, consequentes do período anterior à decisão do Brasil de realizar acordos com os EUA e entrar na guerra ao lado dos aliados. A situação econômica crítica e de racionamento acirrou sentimentos antijudaicos, até então adormecidos.¹¹

Historicamente, é sabido o nível de aculturação e assimilação da comunidade local, o alto número de casamentos interétnicos ao longo dos 210 anos da presença judaica na região. Já são bastante conhecidos os chamados “hebraicos”, estudados por Benchimol (1998) e por H. Veltman, que mereceram exposição do fotógrafo Sergio Zalis para o *Beth Hatefutzot* (Museu da Diáspora), em Tel Aviv, em 1983.¹² Outro elemento importante foi o alto nível de adaptabilidade cultural no que tange aos hábitos e costumes, como estratégia maior de convivência com o meio e o “outro” e de preservação de elementos de origem.¹³

⁹Sobre a visitação do Santo Ofício ao Grã Pará, ver Pinto, Wagner. “O olhar vigilante da Inquisição no Pará”. *Beira do Rio* – Jornal da Universidade Federal do Pará. Ano XXX, no. 130. Abril/maio 2016.

¹⁰ Estes episódios tiveram repercussão nacional e até internacional. Para melhor estudá-los, ver Bemerguy, Amélia: *Imagens da ilusão: judeus marroquinos em busca de uma terra sem males – Pará 1870 – 1910*. São Paulo, Dissertação de Mestrado, PUC – SP, 1998.

¹¹ Sobre episódios antijudaicos no período da 2a. Guerra Mundial em Manaus, ver: [Amazônia Judaica, 15 Anos de Travessia - Presença judaica na Amazônia, século XIX: Preservação e aculturação, um estudo através do caso dos Elmaleh-Salgado](#). Rio de Janeiro. Ed. Amazônia Judaica, 2017; SALGADO, Elias e David. *História e memória: judeus e industrialização no Amazonas*. Rio de Janeiro. Ed. Amazônia Judaica, 2011.

¹² VELTMAN, Henrique. *Os hebraicos da Amazônia*. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/12979333/os-hebraicos-da-amazonia-por-henrique-veltman>.

¹³ Vários autores, ao estudarem os judeus da Amazônia, apontam para os elementos de aculturação/assimilação/preservação e adaptabilidade, tais como: Benchimol, Bentes, Salgado, Bemerguy,

7. O ANTISSEMITISMO E O INTEGRALISMO NA REGIÃO NO PERÍODO DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Como visto anteriormente, a historiografia pioneira do tema (Lieberman, Benchimol, Bentes, Wolff, Avni, Milgram e Benchimol, entre outros), apontava apenas para alguns poucos episódios isolados de antissemitismo, tais como acontecidos no Pará, no período da Cabanagem (1835-40) e em 1901, num conjunto de episódios que ficou conhecido como “Mata judeus” ocorridos, principalmente, nas cidades de Cameté e Baião, também no Pará.

Uma abordagem mais completa sobre antissemitismo, surge com Bemerguy (1998), e nos estudos realizados por nossa equipe. Nestes, os depoimentos colhidos, falam de experiências de memória, vividas e testemunhadas, em particular, na cidade de Manaus, principalmente no período da Segunda Guerra Mundial.

Citamos os testemunhos de Saul Benchimol e de Moisés Sabbá (Salgado, 2011) que apontam atitudes hostis contra suas famílias, segundo eles, por razões econômicas. Dado que o período era de crise e que suas famílias vinham conseguindo, aos poucos, se destacar entre os grupos que se mantinham “de pé” apesar da grave situação, isto ocasionou atritos. Para corroborar seus testemunhos, eles nos sugerem a leitura de jornais da época, onde aparecem tais polêmicas em alguns articulistas, principalmente no *O Jornal*, de Manaus.

Mesmo sem atritos por razões econômicas, há o caso de Rubem Salgado, por nós estudado, que foi diretor da Fazenda do Estado do Amazonas, desde o período do Estado Novo de Vargas (começando no governo estadual de Álvaro Maia, nos anos 30). Ele é citado por Benchimol como a primeira figura pública judaica de importância em Manaus e no Amazonas e que, durante o período da Segunda Guerra, assumiu a diretoria da Superintendência de Abastecimento do Vale do Amazonas, a SAVA, responsável pelo controle do abastecimento na região, naquele período de racionamento.

Lieberman e Heller, entre outros. Consideramos, porém, um marco na análise sociológica do tema, o artigo da socióloga paulista Eva Blay: “Identidades judaicas no Brasil contemporâneo”, em Bila Sorj (org.), Ed. Imago, Rio de Janeiro, 1997.

R. Salgado nos narra, em depoimento, sobre as perseguições políticas e pressões que sofreu na imprensa local¹⁴, segundo ele capitaneadas pelo político Artur Virgílio Filho, pai de Artur Virgílio Neto, prefeito de Manaus (2020). À época, tais pressões levaram Salgado a se demitir do seu cargo, voltando à Fazenda do Amazonas, à qual retornou nos anos 50.

Samuel Benchimol afirma que existiu, no período da guerra, um grupo de simpatizantes do Eixo de cunho integralista, mas na sua obra de referência sobre os judeus, ele não aborda o tema. Questionado do por quê,, ele demonstra desconforto e ser inconveniente abordar o tema publicamente. No entanto, chegou a apontar alguns nomes, como José Lindoso, ex-governador do Amazonas, seu contemporâneo de carreira intelectual e acadêmica.¹⁵

8. O judaísmo amazônico na atualidade (2020)

São passados 210 anos de uma imigração que estabeleceu, em plena selva amazônica, cerca de 1000 famílias oriundas dos “*mellahs*” do Marrocos, que deixou profundas raízes naquela região e em seus milhares de descendentes ali residentes e espalhados pelo resto do país e também no exterior. Todos souberam e ainda sabem preservar os marcos judaicos comunitários que dão continuidade à sua religião e cultura milenares. Até hoje é substancial sua contribuição ao desenvolvimento do nosso país, tanto na região amazônica quanto nas demais para onde migraram em fase posterior. São industriais, comerciantes, profissionais liberais de todo o tipo, educadores, professores,

¹⁴ Depoimento concedido por Rubem Salgado a Elias Salgado, no Rio de Janeiro, em 30/01/97 e 07/05/98. Os depoimentos são parte integrante do trabalho “Presença judaica na Amazônia: O caso dos Elmaleh-Salgado”, apresentado no V BRASA, Recife 2000. Ver www.amazoniajudaica.com.br e também o periódico *O Jornal* de Manaus, várias edições no período de 1943- 1945. As informações de Rubem Salgado são corroboradas pelo entrevistado Saul Benchimol.

¹⁵ Depoimento concedido a Elias Salgado em 19/09/98, logo após o lançamento de sua obra de referência *Eretz Amazônia, judeus na Amazônia*, em Manaus, para o trabalho apresentado no V BRASA, acima citado. As informações de Benchimol sobre José Lindoso encontram eco em narrativas da historiadora Etelvina Garcia. (Ver citação de entrevista concedida pela historiadora Etelvina Garcia ao Programa “Viva Memória”, TV Cultura do Amazonas, 17/07/2011.)

pesquisadores, artistas, escritores, trabalhadores de diversas áreas da economia regional e nacional.

Na Amazônia, os judeus em Belém têm uma comunidade organizada com cerca de 450 famílias e contam com três sinagogas. Em Manaus, a comunidade judaica se compõe de cerca de 200 famílias e uma sinagoga. Em outras capitais e cidades do interior da região não se observa vida comunitária judaica organizada, pois se constituem apenas de uma pequena quantidade de famílias, que não se pode quantificar com precisão.

Com a crise econômica que se acirrou na região no período Pós-guerra, dezenas de famílias migraram para o Sudeste, principalmente para o Rio de Janeiro e São Paulo. Também se mudaram para Israel, a partir dos anos 90 e, atualmente, com a crise econômica no Brasil, aumentou ainda mais esse fluxo como, aliás, a emigração de brasileiros em geral para países europeus ou asiáticos. Acredita-se que atualmente existam mais de 350 judeus de origem amazônico-marroquina em Israel.

Considerações finais: os judeus na industrialização: preponderância ou relevância?

Um dos cuidados que tivemos ao longo da análise dos depoimentos e ao efetuar nossas conclusões, foi de não deixar que o projeto de pesquisa e o consequente livro resultante do mesmo - *História e memória: Judeus e industrialização no Amazonas* - como bem percebeu e aponta no seu Prefácio o antropólogo Wagner Lins Bentes,¹⁶ se tornasse “apenas uma saga de sucesso dos grupos comerciais judaicos na implantação da indústria no Amazonas”, citando, para exemplificar sua afirmação, o depoimento de Jaime Samuel Benchimol, filho do eminente Prof. Samuel Benchimol.¹⁷

A pergunta sobre preponderância ou relevância judaica é feita a todos os entrevistados. Nos depoimentos prevalece unanimidade em apontar para o que os depoentes chamam de “característica inerente aos judeus de lutar por sua sobrevivência”.

¹⁶ Wagner L. Bentes é graduado em Ciências Sociais pela UFPA, com Mestrado e Doutorado pela Universidade de São Paulo, com teses sobre temas relacionadas aos judeus na Amazônia.

¹⁷ In Salgado, Elias e David, *História e memória: Judeus e Industrialização no Amazonas*. Ed. Amazônia Judaica, Rio de Janeiro, 2015.

Claro que entendemos, e alguns deles também, que tal característica não é exclusiva dos judeus. Outros grupos de imigrantes tiveram participação relevante na economia da região. O que Benchimol (1988) assinala, e isso é reiterado pela historiadora amazonense Etelvina Garcia¹⁸, é que um dos fatores que ajudaram no sucesso econômico de algumas famílias judias, foi o fato de que, apesar da crise da borracha, diferente de outros grupos (como os ingleses, alemães e franceses), os judeus marroquinos, bem como os portugueses e árabes, permaneceram na região e souberam encontrar soluções para atravessar aquele tempo crítico. Deste modo, a partir dos 70, contribuíram efetivamente para a superação do período.

Assim sendo, nenhum de nossos entrevistados, nem tampouco as pesquisas documentais e bibliográficas apontam para uma preponderância judaica na economia e no processo de industrialização local e sim, para a relevância de algumas famílias, tais como: Benoliel, Levy, Sabbá, Benchimol, Benzecry, Israel, Pazuelo, Assayag e Ezaguy, entre outras.

Entre as figuras de destaque, encontra-se Isaac Benayon Sabbá (1907-1996), fundador da primeira refinaria de petróleo da Amazônia (1957), que leva o seu nome (Petróleo Sabbá S.A). Provavelmente é o empreendimento de maior relevância até hoje na região. Foi nacionalizado pela ditadura no período Geisel. Sabbá chegou a possuir mais de 40 empresas e a representar, em dado período (anos 60/70), 20% do PIB do Amazonas. O industrial Sabbá é lembrado por sua filantropia, tendo custeado a construção de um hospital em Manaus, ainda hoje em funcionamento. Sempre colaborou para o financiamento de grandes empreendimentos, a tal ponto que um jornal no exterior deu-lhe o apelido de “rei da Amazônia”. Filho e neto de brasileiros judeus descendentes de marroquinos, ele também ajudou na construção da sinagoga de Manaus e de diversas iniciativas que beneficiaram tanto os judeus quanto os não judeus, habitantes do estado do Amazonas.

Estimamos que nosso trabalho sobre a industrialização na região amazônica possa ser entendido como estímulo para que mais pesquisas se façam a respeito da colaboração judaica ao progresso da região e, em consequência, ao país, como se poderá verificar em estudos posteriores, nossos e alheios.

¹⁸ Garcia, Etelvina: *FIEAM 50 anos; a marca da indústria no Amazonas*. Manaus: Norma Editora, 2010.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVNI, Chaim. The origins of Zionism in Latin America. In: *The Jewish Presence in Latin America*. J. Laikin Elkin & Gilbert W. Merckx (orgs.), p.135-155, 1987.

BARATA, Manoel. *Formação Histórica do Pará*. Belém: UFP, 1973.

BATISTA, Djalma. *O complexo da Amazônia: análise do processo de desenvolvimento*. Manaus: Editora Valer/Edua/Inpa, 2007.

BEMERGUY, Amélia. *Imagens da ilusão: judeus marroquinos em busca de uma terra sem males: Pará 1870 – 1910*. São Paulo. Dissertação de Mestrado, PUC – SP, 1998.

BENCHIMOL, Samuel. *Eretz Amazônia: os judeus na Amazônia*. Manaus: Editora Valer, 1998.

_____. *Judeus no Ciclo da Borracha*. Manaus: Imprensa Oficial do Estado, Governo do Estado do Amazonas, 1994.

_____. *Manãos do Amazonas: memória empresarial, volume I*. Manaus: Imprensa Oficial do Estado, Governo do Estado do Amazonas, 1994.

BENTES, Abraham R. *Das ruínas de Jerusalém à verdejante Amazônia; formação da primeira comunidade israelita brasileira*. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1987.

BLAY, Eva. Identidades judaicas no Brasil contemporâneo. In: SORJ, Bila (org). *Identidades judaicas no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1997.

FALBEL, Nachman. *Judeus no Brasil: Estudos e Notas*. São Paulo: EDUSP/Humanitas, 2008.

GARCIA, Etelvina. *FIEAM 50 anos; a marca da indústria no Amazonas*. Manaus: Norma Editora, 2010.

_____. *O Amazonas em três momentos: Colônia, Império, República*. Manaus: Norma Editora, 2010.

GRINBERG, Keila e LIMONCIC, Flávio. *Judeus Cariocas*. Rio de Janeiro: Cidade Viva Editora, 2010.

GRINBERG, Keila (org.). *Os judeus no Brasil: inquisição, imigração e identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

HELLER, Reginaldo J. *Judeus do Eldorado: reinventando uma identidade em plena Amazônia*. Rio de Janeiro: E-papers/ Amazônia Judaica, 2010.

HOBBSAWM, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1870*. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

LIBERMAN, Maria. *Judeus na Amazônia brasileira, séculos XIX e XX*. São Paulo. Tese de doutorado, USP, 1990.

LINS, Wagner. *A mão e a luva: judeus marroquinos em Israel e na Amazônia: similaridades e diferenças na construção das identidades étnicas*. São Paulo: Tese de doutorado, USP, 2010.

MILGRAM, Avraham. *Precursors of Zionism in Brasil before the turn of the 20th. Century*. Frank Cass Journals, 1995.

PINTO, Wagner. O olhar vigilante da Inquisição no Pará. *Beira do Rio*, Jornal da Universidade Federal do Pará. Ano XXX, n. 130, abril/maio, 2016.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Vol. 5, n.10, p. 200-212, 1992.

SALGADO, Elias. Presença judaica na Amazônia: o caso dos Elmaleh/Salgado. *Anais do V BRASA*. Recife, 2000.

_____. Presença judaica na Amazônia – preservação e aculturação. *Jornal Amazônia Judaica*, n. 6, set., 2002.

_____. *História e memória: Judeus e industrialização no Amazonas*. Rio de Janeiro: Editora Amazônia Judaica, 2015

_____. *O debate recorrente sobre o papel da História e da memória no fazer historiográfico: O caso dos judeus na industrialização do Amazonas*. Trabalho apresentado no VII Simpósio Nacional de Estudos Judaicos, FFLCH, USP, 20-21/10/2015.

_____. *Amazônia Judaica, 15 Anos de Travessia - Presença judaica na Amazônia, séculos XIX: Preservação e aculturação, um estudo através do caso dos Elmaleh-Salgado*. Rio de Janeiro. Ed. Amazônia Judaica, 2017.

_____. *História e Identidade: a experiência dos judeus no Brasil*. Uma proposta de programa para ensino de História dos judeus no Brasil, Rio de Janeiro: Vaad Hachinuch – Central Eitan de Educação Judaica do Rio de Janeiro. 1^a. Edição: 1998; 2^a. Edição: 2000.

SANTOS, Dina Paula. P. *A participação da comunidade judaica no desenvolvimento da economia de Manaus: do Ciclo da Borracha à Zona Franca de Manaus*. Monografia de conclusão de curso, Centro Universitário Nilton Lins, Manaus, 2010. Disponível em: www.amazoniajudaica.com.br.

SORJ, Bila (Org.). *Identidades judaicas no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro, Imago, 1997.

VELTMAN, Henrique. *Os hebraicos da Amazônia*. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/12979333/os-hebraicos-da-amazonia-por-henrique-veltman>.

WOLFF, Egon e Frieda. *Judeus nos primórdios do Brasil República*. Rio de Janeiro, Bibl. Bialik, 1979.

YERUSHALMI, Yosef H. *Zakhor: História judaica e memória judaica*. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1992.